

# A FORMAÇÃO DE “BIBLISTAS ORGÂNICOS” A PARTIR DA CIÊNCIA PRÁTICA DA RELIGIÃO: UM TRIBUTO A MILTON SCHWANTES\*



Wallace Soares da Cruz\*\*, Claudete Beise Ulrich\*\*\*

*Resumo:* o artigo visa prestar tributo a Milton Schwantes pela passagem dos dez anos de seu falecimento, resgatando e interpretando em seu *corpus literário* a formação de uma corrente de pensamento, constituída especialmente por biblistas orgânicos, ligada aos movimentos sociais e populares, num determinado período da ditadura militar no Brasil. A teoria gramsciana, de intelectuais orgânicos, contribui para as aproximações entre o horizonte hermenêutico de Schwantes com o caráter ilimitado, inter e transdisciplinar da *Ciência Prática da Religião*, apontando pistas para uma ação transformadora a partir da formação de biblistas orgânicos. O recrudescimento da hermenêutica bíblica em Schwantes se apresenta como um conhecimento científico aplicável com possibilidades de atualização pelas novas abordagens da *Ciência Prática da Religião* para solucionar problemas culturais e sociais contemporâneos.

*Palavras-chave:* Milton Schwantes. *Ciência Prática da Religião*. *Biblistas Orgânicos*. *Ação Transformadora*.

O artigo tributa Milton Schwantes pela passagem dos dez anos de seu falecimento – março de 2012 –, intuindo, a partir de seu *corpus literário*, como ele teria pretendido a formação de uma corrente de pensamento constituída preferencialmente por uma categoria de pesquisadores/as do texto bíblico organicamente vinculados/as aos movimentos sociais e populares de sua época. O conceito de *intelectual orgânico*, de Antonio Gramsci, ajuda situar Schwantes e sua escola de pensamento no comprometimento com a *práxis* transformadora intrinsecamente ligada às lutas das pessoas economicamente desfavorecidas, a partir de

\* Recebido em: 14.02.2023. Aprovado em: 09.04.2023.

\*\* Doutorando em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória. *E-mail:* soares.ensino@gmail.com

\*\*\* Doutora em Teologia pela Faculdade EST. Coordenadora do Grupo de Pesquisa REGEVI e da Cátedra de Teologia Pública. *E-mail:* claudete@fuv.edu.br

uma hermenêutica bíblica engajada. Essa reflexão se direciona à situação da classe camponesa, dos/as trabalhadores/as rurais brasileiros/as, os setores urbanos dos movimentos sociais – incluindo as lutas das mulheres, das associações de moradores, dos sindicatos urbanos, dos povos indígenas e afrodescendentes –, numa das fases da ditadura militar, identificando um vínculo determinante para a história e atuação de Schwantes.

O percurso metodológico é a pesquisa bibliográfica, em que o uso da literatura de Schwantes é privilegiado no intuito de reverberar sua voz, considerando o tema aqui proposto. Boa parte de suas obras não foram elencadas, até porque, seria uma tarefa impossível referenciá-las e explorá-las por completo dentro dos limites exigidos na elaboração de um artigo.<sup>1</sup> As obras de Gramsci ajudam na descrição de sua teoria sobre os/as intelectuais orgânicos e o pensamento de Udo Tworuschka e Agenor Brighenti localizam esse debate no âmbito da Ciência Prática da Religião<sup>2</sup>.

A Ciência da Religião no Brasil tem uma dívida incomensurável concernente à hermenêutica bíblica em Schwantes, uma vez que não explicita todo o seu engajamento científico e prático na luta histórica das pessoas e dos grupos excluídos, especialmente em cenários políticos totalitários e excludentes. Por isso, é a partir desse campo de estudos que se desenvolve a presente abordagem, na esperança não apenas de homenagear esse exímio pesquisador de Bíblia, mas, de igual modo, pavimentar caminhos de esperança diante dos crescentes desafios e conflitos da atualidade.

## MILTON SCHWANTES COMO UM INTELLECTUAL ORGÂNICO

Esta seção elenca e descreve alguns aspectos da categoria intelectual orgânico, em Antonio Gramsci, aproximando-os ao pensamento e às ações de Milton Schwantes. O objetivo corolário consiste em mostrar como esse biblista<sup>3</sup> interpretou e enfrentou os problemas sociais de sua época, à luz do texto bíblico, de forma participativa e colaborativa com os setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros, para produzir reflexão e ação de modo integrado através de um processo cíclico – hermenêutica bíblica e sua aplicação

---

1 É possível consultar a “Bibliografia brevemente comentada de Milton Schwantes” em: Cruz (2021, p. 135-179).

2 A Ciência Prática da Religião é uma das oito subáreas de avaliação Ciências da Religião e Teologia, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O termo é sugerido por Udo Tworuschka, mas, existem aqueles/as que se referem a uma “Ciência da Religião Engajada”. Entretanto, o artigo não faz uso desta última expressão, porque desenvolve seu referencial a partir de Tworuschka (2013, p. 579).

3 Não há uma definição clara sobre o termo biblista no Brasil. Neste artigo, ele identifica os/as pesquisadores/as em Bíblia, considerados teólogos da libertação, que fizeram uma opção metodológica para interpretação dos textos bíblicos: a opção pelos pobres latino-americanos e sua libertação (TERRA, 2012, p. 63).

inextricavelmente ligadas. Consideram-se, pois, os efeitos provocados pelas transformações socioeconômicas e políticas no Brasil – especificamente entre 1975 a 1985, quando o país ainda estava sob o regime da ditadura militar – sobre a vida de camponeses/as que, sem a posse de suas terras, teriam sido transformados/as em trabalhadores/as rurais e/ou urbanos, desempregados/as e em situação de pobreza.<sup>4</sup>

Na ótica gramsciana, Schwantes pode ser considerado um intelectual orgânico pela sua ligação e atuação junto aos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros, sem desvincular-se de sua atividade intelectual. Seu *corpus* literário e suas ações políticas demonstram um forte interesse pela organização da classe camponesa, dos/as trabalhadores/as rurais e do mundo urbano, sobretudo nesse momento da ditadura militar, quando teriam aumentado os níveis de concentração fundiária, de mecanização da agricultura e de desemprego nas zonas rurais do Brasil (SKIDMORE, 1988, p. 236-239). Trata-se de uma atuação intelectual vinculada a uma *práxis* social, que teria contribuído para a “homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no campo social e político [que são] ‘especializações’ de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz” (GRAMSCI, 1982, p. 36).

Em Gramsci, os/as intelectuais orgânicos/as são agentes ligados/as às classes sociais elementares da sociedade burguesa moderna, que objetivam propagar sua mundividência e legitimar os interesses do grupo social que representam. Além de permanecerem unidos/as a sua classe social, os/as intelectuais orgânicos/as operam como uma espécie de porta-vozes nos diferentes estratos da sociedade, no intuito de organizar e gerar nas pessoas uma consciência crítica em relação às funções que elas desempenham, bem como organizar toda a sociedade para contestar o meio de produção estabelecido (GRAMSCI, 1982, p. 3-4).

A proposta de um novo bloco histórico, em Gramsci, fundamenta uma aliança entre o campesinato e o proletariado, criando, assim, novas *superestruturas*, o que corresponderia ao socialismo e resultaria, ao mesmo tempo, em uma substituição dos intelectuais do proletariado. E esse é um aspecto muito importante do pensamento gramsciano a ser considerado neste artigo, pelo fato de que os/as camponeses desenvolviam uma função essencial no mundo da produção, porém, divergindo dos demais grupos sociais existentes, essa classe não teria gerado seus próprios intelectuais orgânicos (COUTINHO, 1999, p. 31).

---

4 Em Schwantes, as categorias sociais *trabalhadores* e *camponeses* são indissociáveis e intercambiáveis, assumindo, muitas vezes, duplo significado: *social* e *teológico*. Os termos sinalizam a prática dos/as camponeses que realizavam um trabalho essencial – plantar e colher – na sociedade do mundo bíblico e, simultaneamente, designam as pessoas que estariam sendo remanejadas do campo para a cidade, nos dias do autor, sendo transformadas em operários/as e/ou trabalhadores/as rurais, e o único recurso para impulsioná-los à luta pela libertação seria uma leitura bíblica engajada. Nesse sentido, a perspectiva de Schwantes abrange os/as trabalhadores/as rurais e urbanos/as brasileiros/as (SCHWANTES, 1988a, p. 17).

Na literatura de Schwantes, os/as camponeses/as constituem uma classe indispensável para a subsistência de Israel antigo, porém, pela falta de força e representatividade política, eram sempre expropriados e empobrecidos pela monarquia (SCHWANTES, 1988b, p. 84-87).<sup>5</sup>

No plano das superestruturas, os/as intelectuais exercem sua função ínsita de organizadores/as da cultura, atuando como construtores/as de uma consciência singular e da hegemonia da classe social que estão vinculados/as (SILVA, 2011, p. 100). Entretanto, Gramsci argumenta que: “todo novo organismo histórico [...] cria uma nova superestrutura, cujos representantes especializados e porta-vozes [...] só podem ser concebidos como ‘novos’ intelectuais, surgidos da nova situação, e não a intelectualidade precedente” (GRAMSCI, 1982, p. 177). Nesse sentido, o processo revolucionário e contra-hegemônico deveria desembocar numa nova hegemonia a partir das classes subalternas, resultante da ação dos/as intelectuais orgânicos/as. Parece razoável considerar as tentativas de Schwantes em elevar o campesinato ao *status* de classe revolucionária essencialmente oposta ao capitalismo (SCHWANTES, 1985, p. 34), superando a teoria marxista clássica que localiza somente o proletariado urbano nessa categoria (MARX; ENGELS, 1998, p. 29).

A igreja constitui um dos campos de atuação dos/as intelectuais orgânicos/as, segundo a teoria gramsciana, onde a ideologia dominante pode ser fundamentada e veiculada. Gramsci traz à tona o fato de que o cristianismo primitivo teria sido submetido ao Império Romano e, por isso, teria sobrevivido de modo desfavorável. Não obstante, ele entende que o cristianismo teria se revelado como uma força de resistência não apenas dos povos, mas, também, das classes subalternas que teriam sido subjugadas por Roma (GRAMSCI, 1987, p. 140). Schwantes não costumava distinguir a atuação das igrejas e dos movimentos sociais, pois, para ele, as experiências desenvolvidas nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a liturgia das igrejas deveriam corresponder à organização do povo, promovendo espaços democráticos em contextos autoritários e opressivos. A igreja, segundo Schwantes, deveria trabalhar contra a subalternidade, criando um espaço eclesial *ad hoc* (SCHWANTES, 1987, p. 48).

Ao refletir sobre a transformação social na Itália, Gramsci considera a Igreja Católica Apostólica Romana como uma possível barreira ou, eventualmente, uma facilitadora para tal desígnio. Em suas palavras:

*Toda religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer ‘superficialmente’ unitária, a fim de não fragmentar-se em igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas, frequentemente contraditórias:*

---

5 A exegese bíblica em Schwantes pressupõe um retorno às fontes sem perder de vista as questões contemporâneas, sendo necessário “explicitar a vivência comunitária [...] e o significado alentador e crítico que [...] uma perícopre [...] passa a assumir [...]. Nossa atualidade [...] está dentro da exegese [...] é o quadro referencial desta pesquisa” (SCHWANTES, 1982b, p. 47).

*há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo (GRAMSCI, 1987, p. 144).*

Ou seja, segundo o filósofo italiano, não existe apenas um catolicismo, e sim vários catolicismos desconexos entre si. Quiçá, por essa razão, Gramsci teria insistido numa reforma intelectual e moral – indispensável para o êxito da revolução mundial – para lograr uma transformação de mentalidade nas sociedades ocidentais, que, de modo amplo, foram constituídas por critérios, normas, crenças e convicções pautadas, sobretudo, numa concepção cristã da vida. Mais adiante, esse assunto será retomado no intuito de refletir sobre as nuances em torno da igreja católica brasileira na época de Schwantes.

À luz dos aspectos até aqui apresentados, não seria exagero considerar Schwantes como um intelectual orgânico, de acordo com a teoria gramsciana. De modo semelhante ao filósofo italiano, o biblista brasileiro parece propor, em última instância, a autonomia da classe camponesa enquanto categoria revolucionária (SCHWANTES, 1985, p. 23). Mas, depois, sua produção literária dirige-se também aos setores urbanos dos movimentos sociais brasileiros. Embora já tenha sido explicado que isso implica na rejeição da teoria clássica marxista que situa apenas o proletariado industrial – ou operários urbanos – como a classe revolucionária essencialmente oposta ao capitalismo (MARX; ENGELS, 1998, p. 10), a literatura de Schwantes parece elencar algumas teses marxistas como chave de leitura da Bíblia e de seu contexto vital de produção – *Sitz im Leben* –, bem como reflete algumas críticas em relação ao sistema capitalista em sua versão latino-americana (SCHWANTES, 1985, p. 23).

Considerando as contribuições de Otto Maduro, Schwantes estaria objetivamente localizado numa posição específica na estrutura de classes da sociedade e, de modo consequente, suas reflexões e ações estariam carregadas pela ótica do conflito (MADURO, 1981, p. 97-100). Ou seja, sua origem vinculada ao campesinato – filho de um casal de agricultores, num vilarejo situado no Rio Grande do Sul – seria um dos elementos que teriam forjado sua percepção da realidade de um modo correspondente a sua condição social e distinta de outros/as pesquisadores/as pertencentes a essa mesma sociedade (MADURO, 1981, p. 99-100). Não seria inútil, desse modo, considerar que a mundividência campesina, dos/as trabalhadores/as rurais e do mundo urbano, teria colorido a interpretação que Schwantes realizou tanto do texto bíblico quanto dos problemas sociais de sua época.

A hermenêutica bíblica empregada por Schwantes teria objetivado uma transformação revolucionária nas circunstâncias históricas de seu tempo não perdendo de vista a ótica do conflito – campo *versus* cidade –, levando sempre em consideração o evento do êxodo como um paradigma de leitura da Bíblia e o movimento profético como o fio condutor dessa interpretação (SCHWANTES, 1989a, p. 17). Como um intelectual orgânico dos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros, Schwantes não poderia se limitar à abstração das palavras, pois, para ele, “não há ‘palavra’ – *dabar* – sem contexto”

[grifo do texto] (SCHWANTES, 2004, p. 12). Com efeito, sua literatura expressa um anseio por desvelar os mecanismos políticos e econômicos geradores da opressão, bem como de não permanecer alheio às contradições de seu tempo (SCHWANTES, 1982a, p. 130-131).

No período compreendido entre 1975 e 1985, os setores agrários e urbanos brasileiros teriam sofrido de modo intenso com os efeitos provocados pela mecanização da agricultura, com a desigualdade em relação aos níveis de concentração fundiária e com os elevados índices de desemprego rural (SKIDMORE, 1988, p. 140-141). Nesse período de intensas transformações no campo, Schwantes desempenhou atividades intelectuais e pastorais, inserindo-se na organização de movimentos sociais como articulador e produtor de material pedagógico para a formação política dos/as primeiros/as trabalhadores/as rurais contra os latifundiários. Na década de 1980, com o recrudescimento dos movimentos populares, ele participou na organização da luta pela terra em oposição aos latifundiários e grileiros, assim como em alguns movimentos ligados à fase de estruturação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tais como: a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e as CEBs. Além disso, ele se empenhou na publicação de vários textos para os principais periódicos do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI) (PEREIRA, 2012, p. 7-11).

Para além das fronteiras dos ambientes sagrados institucionalizados, Schwantes argumenta que a denúncia profética tem sua origem na organização camponesa e/ou popular. Isso explica, por exemplo, o fato dele, um pastor luterano, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), vincular-se a algumas instituições católicas brasileiras, compreendendo que as condições socioeconômicas dos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros de seu tempo emergiam como um *grito* ecumênico que tornava as diferenças litúrgicas secundárias entre as igrejas (SCHWANTES, 1992, p. 51).

À luz da reflexão de Gramsci acerca de um catolicismo etéreo, o catolicismo brasileiro também se mostrava contraditório e desconexo no período em análise, pois, a igreja católica brasileira teria sofrido mudanças radicais em suas prioridades, o que dependia em grande medida de quem representava a cúpula, isto é, se eram bispos conservadores ou progressistas. Segundo Scott Mainwaring, a Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB) teria apoiado a ditadura militar e apenas mais tarde teria manifestado sua oposição a ela. Schwantes se vinculou ao trabalho desenvolvido na base da igreja católica brasileira, através da interação entre agentes pastorais, movimentos leigos e alguns bispos progressistas que teriam desenvolvido as inovações pastorais mais relevantes para a transformação da igreja católica no Brasil, sobretudo a partir do *coup d'état*, de 1964 (MAINWARING, 1989, p. 101-127).

O trabalho desenvolvido nas bases da igreja católica brasileira teria contribuído para a atuação de Schwantes como um intelectual orgânico, partindo sempre de uma interpretação histórico-social e política do texto bíblico bem como dos problemas socioeconômicos de sua época. Para Mainwaring, a igreja católica brasileira havia se tornado “a mais importante força de oposição durante



grande parte dos anos 70. Era a única instituição que podia criticar o modelo econômico e a repressão, defender os direitos humanos e organizar as classes populares” (MAINWARING, 1989, p. 125). Para Schwantes:

*Fome, desemprego, expulsão da terra, genocídios gritam o seu grito incessante. Ninguém pode deixar de reagir a esse grito. Neste contexto, os conteúdos bíblicos engrossaram as fileiras dos que denunciam a miséria como fruto do enriquecimento. Ampliaram o grito dos empobrecidos. [...] Nas comunidades populares, a Bíblia é experimentada como articuladora e amplificação da denúncia profética (SCHWANTES, 1987, p. 50).*

Schwantes provavelmente teria vislumbrado nas CEBs, no MST, na CPT, na Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais (ANAMPOS), na Central Única dos Trabalhadores (CUT), no Partido dos Trabalhadores (PT), no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), no CEBI e demais instituições ecumênicas o que ele acreditava ser o papel profético de uma igreja, que, praticamente, consistia na interação entre a agenda eclesial e a agenda do mundo (SCHWANTES, 1984a, p. 148). Isso abarcaria tanto o aspecto da intelectualidade quanto da prática, pois, segundo ele, as igrejas deveriam “facilitar o acesso ao texto sagrado ao maior número de pessoas [...] ir às raízes do testemunho escriturístico [...] entender a escritura a partir do seu eixo” (SCHWANTES, 1984b, p. 33), formulando o núcleo bíblico em termos de opressão e de libertação. Nesse sentido, a interpretação do texto bíblico deveria corresponder não apenas à leitura da realidade, mas, especialmente, ao modo de transformá-la, pois a Bíblia, para Schwantes, era “um livro para a militância pelo porvir [e uma] cartilha pela esperança” (SCHWANTES, 1989a, p. 17).

Como já dito, em Schwantes, o que torna as igrejas contraditórias e desconexas são as diferenças litúrgicas. Todavia, ele acreditava que havia um elemento aglutinador que poderia tornar as liturgias secundárias e reorientar as ações da igreja, a saber: o clamor das pessoas pobres organizadas. Nas suas palavras:

*Estes pobres estão organizados [...] nas favelas, nas tomadas de terras, nas lutas sindicais a capacidade organizativa toma corpo. [...] amplia-se a rede das pequenas articulações, daqueles que nem aparecem e nem chamam a atenção. Pessoas que vivem do lixo ensaiam novas maneiras de convívio. Mulheres esmagadas por capital e machismo se fazem solidárias. Associações surgem nas vilas, de maneira discreta. [...] a liturgia, cada vez mais, precisa corresponder a um povo pobre que se organiza! (SCHWANTES, 1992, p. 51).*

Portanto, em sua atividade intelectual e pastoral, Schwantes teria demonstrado uma preocupação com os problemas socioeconômicos da vida concreta, considerando a igreja como um espaço privilegiado para uma ação revolucionária e transformadora. Nesse sentido, ele pensava numa relação intercambiável

entre igrejas e movimentos sociais e populares, sendo esta uma marca expressiva de suas pretensões a partir do uso e do ensino da Bíblia.

A proposta de Schwantes consiste na intensificação da presença das igrejas nas periferias, de modo que elas estejam atentas ao contexto socioeconômico dos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros e que, concomitantemente, elas ajudem na construção de uma plataforma ideológica em oposição à hegemonia do Estado. Trata-se de uma proposta carregada de intenções políticas e não isenta de juízo de valor, mas, que busca a transformação da sociedade, a libertação das pessoas e o poder para que se realize uma ação que contribua para melhorar a vida delas. Indubitavelmente, essa proposta não se restringe às igrejas, mas, estende-se a um grupo de pesquisadores/as da Bíblia. Por isso, a hipótese aqui defendida é que Schwantes teria idealizado a formação de biblistas orgânicos integrados ao povo e às lutas populares, em especial aos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros. A função desses/as biblistas orgânicos consistiria na oposição à visão de mundo partilhada pelas classes dominantes e pelos seus intelectuais orgânicos.

#### A FORMAÇÃO DE BIBLISTAS ORGÂNICOS EM MILTON SCHWANTES

É importante observar, de antemão, que a expressão *biblistas orgânicos* não foi cunhada por Schwantes e nem aparece em sua vasta produção literária. Antes, sua utilização nestas linhas quer indicar que ele teria intencionado reunir um grupo de pesquisadores/as em Bíblia com capacidade para realizar uma análise crítica da dinâmica política e dos problemas sociais de sua época e, desse modo, produzir uma nova visão de mundo. O objetivo último desse projeto teria sido garantir que o funcionamento da sociedade fosse transformado a partir da organização e dos interesses dos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros, que seria realizada através de um processo coletivo com uma dimensão educativa – Leitura Popular da Bíblia –,<sup>6</sup> que envolveria os/as biblistas orgânicos e o povo:

*Praticamos uma leitura histórica do êxodo como fenômeno em meio às lutas sociais. O antagonismo entre os hebreus/oprimidos e o faraó/opressor é chave de leitura. Não interpretamos o êxodo como um tema, mas como uma luta. E esta é uma luta marcante, porque alguém poderia enaltecer a libertação como assunto, sem, contudo, localizá-la nos conflitos histórico-sociais. Esta [...] perspectiva é*

---

6 Através da partilha mútua das experiências de vida com a Bíblia, acreditava-se que as pessoas passariam a refletir criticamente sobre a vida e começariam a propor ações relacionadas aos movimentos populares. Isso aponta para alguns aspectos da educação popular, em Paulo Freire (FREIRE, 1967, p. 29-32). De acordo com Maria Soave Buscemi, a Leitura Popular da Bíblia, na ótica da educação popular freireana, pressupõe que o processo de educação teria nascido a partir das experiências dos/as participantes dos círculos bíblicos (BUSCEMI, 2016, p. 11).



*a que amplamente prevalece entre nós. [...] Com isso o êxodo está no dia-a-dia da atuação eclesial em meio às dores e às esperanças do povo. Daí provêm novas perguntas e inquietações, novas perspectivas e propósitos para a leitura (SCHWANTES, 1991, p. 132).*

O argumento construído na primeira pessoa do plural, além de desvelar o interesse de Schwantes por uma leitura histórico-social do texto bíblico voltada para as dores e esperanças do povo, pode ser entendido como um convite para outros/as biblistas a se dedicarem a essas perspectivas e propósitos de leitura da Bíblia. A narrativa bíblica do êxodo, caríssima para Schwantes, emerge como uma chave de leitura para interpretar a realidade presente, pois, ele defendia que o êxodo era uma experiência integradora para os grupos que constituíram o Israel antigo e foi um símbolo para esse povo na organização da luta pela libertação e conquista da terra. Por isso, os/as biblistas orgânicos teriam que recorrer à memória do êxodo bíblico – veia principal da história bíblica – para organizar as pessoas que estariam sendo subjugadas no presente por um modelo de governo totalitário e excludente (SCHWANTES, 1988a, p. 17-18). As palavras de Schwantes demonstram que isso estaria acontecendo com os setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros naquele momento:

*Cai em vista que hoje os povos [...] vivem em constante e continuado êxodo. Migração e deslocamentos não são impedidos. Pelo contrário, são favorecidos. Constituem nossa realidade. As pessoas são expulsas do campo para a cidade. Este êxodo rural – na verdade, uma violenta expulsão de pequenos proprietários, lavradores e sem-terra – transforma gente especializada em plantar e colher em desempregados sem profissão. O operário é jogado de um emprego para o outro. A rotatividade caracteriza sua vida. Não há estabilidade. Há êxodo. As famílias são empurradas de uma periferia à outra. [...] Mulheres e homens oprimidos são, hoje, um povo migrante. São pessoas em êxodo. Vivem nas ruas (SCHWANTES, 1988a, 17-18).*

O texto bíblico se torna uma espécie de pedágio imagético no processo hermenêutico empreendido por Schwantes, entretanto, a base da correlação não seria entre a Bíblia e a realidade, e sim entre uma opção política e uma realidade interpretada. Isto é, ao aderir uma agenda de leitura histórico-social em chave marxista, ele estaria identificando no conflito de classes o ponto axial para interpretar a realidade de seus dias (MARX, 1987, p. 16). Com efeito, o critério hermenêutico, para Schwantes, seria o lugar das pessoas que, em sua condição de vítimas de políticas econômicas excludentes, teriam sido marginalizadas e obrigadas a migrarem do campo para a cidade, transformando-se em operários desempregados e/ou trabalhadores/as rurais sem-terra, porém, para a formação de biblistas orgânicos, esse critério poderia abarcar qualquer pessoa empobrecida pela ação do Estado. O critério último seria a vida de pessoas em situação de pobreza e miséria no campo e/ou na cidade (SCHWANTES, 1987, p. 51).

As pessoas economicamente desfavorecidas seriam dotadas de uma habilidade especial e intrínseca para acessar as memórias populares e camponesas preservadas nas perícopes da Bíblia, explica Schwantes. Ele acreditava que os/as camponeses/as empobrecidos/as da sociedade palestinese teriam produzido e preservado boa parte dessas memórias, mesmo que no nível da oralidade, e, por isso, os/as leitores/as do presente, em sua condição de pobreza e inseridos/as nas CEBs e espaços congêneres, deveriam ser reconhecidos/as – especialmente pelos/as biblistas orgânicos – como intérpretes privilegiados da Bíblia: “o povo pobre é o agente da interpretação” (SCHWANTES, 1987, p. 51). Logo, os/as biblistas orgânicos teriam que aprender com essas pessoas, que, enquanto hermenutas privilegiados, conseguiam dar “um novo sentido aos textos bíblicos” (SCHWANTES, 1989b, p. 10), através de sua organização e de suas lutas sociais, articulando os conteúdos bíblicos à realidade concreta.

Na ótica de Schwantes, os/as biblistas orgânicos, numa interação constante com as pessoas em situação de pobreza, através dos círculos bíblicos, conseguiriam captar melhor o que há de concreto na Bíblia: “os estudos históricos e sociológicos nos mostram o quanto os conteúdos escriturísticos estão conectados a situações concretas, a momentos determinados” (SCHWANTES, 1989b, p. 11). Existem dois elementos concretos que, no pensamento de Schwantes, constituíam os objetivos e as esperanças das lutas populares de sua época e que poderiam ser iluminados pela narrativa bíblica: terra e vida. Para ele, quando um camponês, uma camponesa e/ou um/a trabalhador/a rural ou urbano consultasse o texto bíblico, na verdade, ele/a estaria acessando sua própria história e prática cotidiana:

*Os agricultores não percebem a Bíblia como ‘companhia’, porque aqueles textos têm uma linguagem religiosa, mas porque falam da luta pela terra [...]. Para os colonos, a Bíblia não é só vibrante por lidar com costumes interioranos. É-lhes decisivo que nela aparece a ‘luta do dia a dia’ (SCHWANTES, 1987, p. 52).*

De modo específico, o interesse de Schwantes pela formação de uma corrente de pensamento constituída por biblistas orgânicos, com um horizonte histórico-social e político, pode estar relacionado às experiências que ele viveu nos círculos bíblicos que realizavam a Leitura Popular da Bíblia e com a pastoral inserida nos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros. Ele acreditava que essas experiências poderiam impactar “quem vem da academia pura” (SCHWANTES, 1987, p. 50), bem como eram pedagógicas para os/as biblistas orgânicos, pois, essa “perspectiva histórica na interpretação nem de longe [seria] uma falação acadêmica [mas] uma questão pastoral [que] reivindica uma leitura histórica da Bíblia. Uma metodologia pastoral de transformação histórica encontra-se em mútuo aprendizado” (SCHWANTES, 1986, p. 83-84).

Depreende-se, pois, que a expectativa de Schwantes era que os debates teóricos oriundos da teologia bíblica contribuíssem para o crescimento e para a consolidação da Ciência da Religião e da Teologia, na América Latina e no Brasil. Mas, isso só seria possível a partir de uma categoria de biblistas – homens e mulheres

– organicamente ligados aos movimentos sociais e populares. Nesse sentido, pode-se dizer que Schwantes propôs uma corrente de pensamento cujo escopo consistiria numa sutura completa entre os/as biblistas orgânicos e o povo que se reunia nas CEB's e espaços similares, sobretudo, a classe camponesa e os/as trabalhadores/as rurais. O objetivo dessa proposta seria inserir esses/as biblistas orgânicos numa atividade social em defesa dos setores populares, elevando as pessoas a certo grau de pensamento criativo e autônomo na orientação hermenêutica e nos limites de uma leitura política do texto bíblico (SCHWANTES, 1987, p. 50). Em outras palavras, essas pessoas deveriam ler a Bíblia a partir de sua própria realidade e, desse modo, posicionarem-se em oposição aos sistemas de governo totalitários e excludentes.

Parece plausível afirmar que, além do foco na formação de biblistas brasileiros/as e uma preocupação pela disseminação e valorização das pesquisas em Bíblia no Brasil e na América Latina, Schwantes teria desejado formar uma escola de biblistas orgânicos, cujo estatuto epistemológico consistia na aproximação entre o conhecimento científico e o saber popular. A proposta seria o redirecionamento da teologia bíblica e da atividade dos/as biblistas para uma reflexão das experiências latino-americanas e caribenhas, em especial o cenário brasileiro, que foi o contexto privilegiado de sua participação mais contundente sobre a formação acadêmica de seus alunos e de suas alunas, enquanto professor de Ciência da Religião. A teologia bíblica, para Schwantes, deveria ser reformulada “a partir da prática da leitura da Bíblia em meio às lutas populares” (SCHWANTES, 1989b, p. 15).

No âmbito das relações entre teoria e prática, Schwantes acreditava que, grosso modo, os modelos tradicionais vigentes nas universidades – e nas igrejas também – seriam o símbolo “ridicularizado” da cisão entre os/as biblistas orgânicos e o povo. Por isso, sua proposta consistia na subserviência da academia à pastoral e à organização popular. Somente assim, ele defendia, a reflexão bíblico-teológico-pastoral não cairia na passividade intelectual e/ou na abstração, mas, os/as biblistas orgânicos – sendo sua função social orgânica e reconhecida como de utilidade pública, através de uma leitura política da Bíblia – deveriam subsidiar as atividades empreendidas pelos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros (SCHWANTES, 1986, p. 84).

Parece seguro afirmar que Schwantes desejava romper com uma distância preestabelecida entre a teologia bíblica e o povo, através da formação de biblistas orgânicos inseridos na classe camponesa, entre os/as trabalhadores/as rurais ou urbanos e nas lutas populares. Por isso, o advento dessa corrente de pensamento representaria o início de novas relações entre o conhecimento científico – pesquisas em Bíblia – e a ação pastoral, não apenas na academia, mas, também, nos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros. Porém, tudo isso estaria exigindo uma profunda reestruturação das universidades – implicando numa rejeição parcial do modelo acadêmico tradicional –, em que os/as biblistas orgânicos contariam com bibliotecas especializadas e enriquecidas pela produção literária da América Latina. Entretanto, a radi-

calidade dessa proposta estaria no argumento de que a colaboração entre a pastoral e as universidades poderia impulsionar a cultura latino-americana, superando a hegemonia do norte global, mas, sem eliminá-la por completo. Para Schwantes, a ciência bíblica do norte global perde de vista a dimensão comunitária e coletiva desenvolvida na América Latina (SCHWANTES, 1989b, p. 16).

Através das universidades e das igrejas – *aparelhos privados de hegemonia* – os/as biblistas orgânicos seriam agentes privilegiados para disseminar uma nova ideologia e controlar o consenso, reivindicando continuamente a emancipação dos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros para uma revolução social (SCHWANTES, 1998, p. 12). Schwantes segue na direção intelectual da hegemonia gramsciana, ou seja, suas propostas se articulam no campo das ideias e da cultura, no intuito de abrir possibilidades para a formação não apenas de biblistas orgânicos, mas, em especial, através destes, edificar uma nova base social:

*E, afinal, as classes dominantes não têm solução para a miséria crescente. Os pobres estão jogados sobre si mesmos. Terão que conquistar seus direitos. E é o que vão fazendo, passo a passo, na luta por teto e terra, por escola e posto de saúde. Nas lutas sociais, os empobrecidos (mulheres e homens) vão-se tornando sujeitos, conquistam sua cidadania (SCHWANTES, 1989b, p. 10).*

O ponto de partida para a formação e atuação dos/as biblistas orgânicos, em Schwantes, seria um diagnóstico da realidade socioeconômica e o reconhecimento da exploração que deteriorava os setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros. Problemas estes que foram interpretados em sua literatura, embora muitas vezes de modo implícito, como resultado da opressão da ditadura militar brasileira. Nesse sentido, os/as biblistas orgânicos deveriam ler a realidade presente através de um programa de leitura histórico-social, com elementos marxistas, sempre na ótica do conflito entre o campo e a cidade: “a história bíblica [...] representa [...] os interesses de escravos que tinham que suar [...] para manter as glórias do Estado. [Essa diferença] tem que ser levada em conta [...]. Doutra modo, fabrica-se confusão hermenêutica” (SCHWANTES, 1989a, p. 43-44).

Contudo, ao considerar o pensamento de Clodovis Boff, a proposta de Schwantes seria uma tentativa equivocada, porque apresenta uma teologia bíblica alternativa à teologia *tradicional*. Segundo Boff, desta última se desdobrariam todas as demais teologias do genitivo e, por isso, a proposta de tornar o estatuto epistemológico da teologia bíblica um todo orgânico equivaleria a construção de uma trama ideológica (BOFF, 1982, p. 39-53). Não obstante, Schwantes considera que o germe da teologia bíblica latino-americana não seria a teologia tradicional, e sim a Leitura Popular da Bíblia. Para ele, “a teologia bíblica [...] terá que brotar da leitura popular da Bíblia [...] a questão é redimensioná-la para nosso contexto, recriá-la a partir da prática da leitura da Bíblia em meio às lutas po-

pulares” (SCHWANTES, 1989b, p. 15). Destarte, Schwantes teria rompido, também, com o pensamento de Boff ao insistir na existência de um pensar teológico *autóctone* e profundamente popular (SCHWANTES, 1989b, p. 15).

Desse modo, é possível postular que a hermenêutica bíblica em Schwantes não está dissociada de uma *práxis* que localiza a atuação dos/as biblistas orgânicos no mundo, em especial nos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais brasileiros. O horizonte hermenêutico desse biblista brasileiro pode ser refletido à luz do axioma de uma “ação pastoral como práxis transformadora” (BRIGHENTI, 2013, p. 666-667), tornando-se, assim, para além de um objeto de análise da Ciência da Religião, uma proposta de integração entre teoria e prática a ser mediada pela Ciência Prática da Religião, isto é, uma hermenêutica bíblica engajada a ser desenvolvida por biblistas orgânicos.

Portanto, o *modus operandi* pressuposto na hermenêutica bíblica engajada de Schwantes – além de dialogar com a teoria gramsciana em tela – parece estar alinhado às propostas epistemológicas e metodológicas da Ciência Prática da Religião. Ele sinaliza para uma articulação entre teoria e prática, numa perspectiva bíblico-teológica-pastoral, que leva em consideração o contexto político, econômico, cultural e eclesial numa sociedade caracterizada pela injustiça estrutural institucionalizada. Com efeito, a Ciência Prática da Religião se mostra como um campo fértil para o desenvolvimento e para a atuação de biblistas orgânicos.

## CIÊNCIA PRÁTICA DA RELIGIÃO COMO LUGAR PRIVILEGIADO PARA A ATUAÇÃO DE BIBLISTAS ORGÂNICOS

A Ciência Prática da Religião emerge como um espaço notável para a materialização e aplicabilidade dos conhecimentos científico-religiosos aos problemas que se fazem sentir na vida concreta e, por isso, se mostra como uma dimensão da Ciência da Religião com abertura para a construção de novos conhecimentos e metodologias. Sem a intenção de adentrar numa análise pormenorizada acerca dos fundamentos epistemológicos e metodológicos da Ciência da Religião, é bem defendido, na atualidade, que essa é uma área em desenvolvimento e que, por essa razão, ainda não alcançou estabilidade (ROCHA; RIBEIRO, 2019, p. 193-212). Para o tema aqui proposto, a Ciência Prática da Religião será compreendida como uma das modalidades de engajamento social da Ciência da Religião com identidade própria, capaz de gerar conhecimento praticamente útil e utilizável (TWORUSCHKA, 2013, p. 579).

Por que a opção pela Ciência Prática da Religião? Porque o termo “se refere a um modelo [...] ilimitado, inter e transdisciplinar, que incentiva e promove uma ação orientada, crítica, comunicativa, político-social da Ciência da Religião” (TWORUSCHKA, 2013, p. 579). Nesse sentido, o termo representa a dimensão *aplicada* da Ciência da Religião que, além de dialogar com a teoria gramsciana em tela, pressupõe uma abertura para o horizonte hermenêutico de Schwantes, que “redunda em práticas libertadoras [de modo que] a reali-



dade causa impacto sobre a mensagem revelada e esta sobre aquela” (CRUZ, 2020, p. 735).

De acordo com Tworuschka, a Ciência Prática da Religião tem uma abordagem indutiva e utiliza métodos empíricos, concentrando-se na análise de realidades presentes e problemáticas no intuito de “facilitar ‘melhores’ realidades no futuro a partir de ação refletida de resolução de problemas” (TWORUSCHKA, 2013, p. 579). Esse argumento aponta para a possibilidade de uma produção científica engajada, sobretudo, em relação aos problemas decorrentes de conflitos fundamentados na religião, que exigem uma contribuição da Ciência da Religião capaz de extrapolar seu alcance teórico (ROCHA; RIBEIRO, 2019, p. 196).

As possibilidades de aplicação e criação de conhecimento é volumosa no campo da Ciência Prática da Religião, podendo extrapolar as fronteiras do cristianismo ocidental. De acordo com Tworuschka, “o problema de mulçumanos no hospital envolve um vasto espectro relevante [...]: comida, importância de visitas, fotos, oração, sofrimento e contato com pessoas mortas, enterro” (TWORUSCHKA, 2013, p. 583). Por ser um campo com metas práticas, “o perfil em relação ao conteúdo da Ciência da Religião Prática reside seu foco em problemas sociais, individuais e societários” (TWORUSCHKA, 2013, p. 583). Nessa ótica, a Ciência Prática da Religião pode contribuir em diferentes áreas, por exemplo: no turismo, no cuidado com estrangeiros/as, no cuidado geriátrico, no trabalho social, nas áreas ocupacionais específicas para imigração, entre outras (TWORUSCHKA, 2013, p. 583).

O foco da Ciência Prática da Religião não se restringe ao aspecto do conhecimento sobre a prática, mas, enfatiza a construção de conhecimento aplicável, produzindo textos, discursos e argumentos com potencial para alterar a existência (TWORUSCHKA, 2013, p. 583-584). Esse primeiro eixo possibilita a construção de novos conhecimentos a partir da vida cotidiana e de seus desafios corolários. Além disso, enquanto uma dimensão da Ciência da Religião, o aspecto ilimitado, inter e transdisciplinar da Ciência Prática da Religião a configura como um campo aberto para novas propostas epistemológicas e metodológicas, estabelecendo o segundo eixo que possibilita o desenvolvimento de normas, modelos e tarefas organizacionais para a ação (TWORUSCHKA, 2013, p. 579).

Como já dito, o termo ação sinaliza que “toda ação, incluída a ação pastoral, é também portadora de uma racionalidade. [...] sem ciência, a pastoral deixa de ser uma ação pensada criticamente” (BRIGHENTI, 2013, p. 671). A ação pastoral, segundo Brighenti, é uma ação humana sujeita às mesmas condições históricas de qualquer outra ação e, por isso, exige a mediação das ciências. Com efeito, a Ciência da Religião, em especial a Ciência Prática da Religião, oferece recursos que asseguram os requisitos de uma ação pastoral eficaz e conseqüente em relação aos desafios que emergem de seu contexto (BRIGHENTI, 2013, p. 671).

Para Tworuschka, a Ciência Prática da Religião é uma dimensão que “incentiva e promove uma ação orientada, crítica, comunicativa, político-social da Ciência da



Religião” (TWORUSCHKA, 2013, p. 579), o que significa que as reflexões teóricas produzidas nesse campo de estudo podem gerar uma ação transformadora. Brighenti sugere o caminho inverso, mas, não contradiz Tworuschka, ou seja, para Brighenti, o evento de uma ação transformadora solicita a mediação científica. Em outras palavras, toda ação demanda a mediação de uma reflexão teórica – *ação refletida*. Considerando esses dois argumentos, reflexão e ação ou ação e reflexão interagem constantemente num processo intercambiável, como ocorre na hermenêutica bíblica em Schwantes, que procura produzir conhecimento científico e *práxis* de modo integrado através de um processo cíclico, a saber: hermenêutica bíblica e sua aplicação inextricavelmente ligadas. Com efeito, a Ciência Prática da Religião se mostra um campo fértil para a formação de biblistas orgânicos. Acessar a literatura e a religião do mundo bíblico a partir da Ciência Prática da Religião, exige uma “erudição multidisciplinar que lhe permite usar vários instrumentos necessários” (MENDONÇA, 2000 *apud* SANT’ANNA, 2010, p. 14). Aqui o aspecto ilimitado, inter e transdisciplinar da Ciência Prática da Religião pavimenta caminhos para que o texto bíblico seja uma “porta de entrada para culturas do Oriente Próximo” (SANT’ANNA, 2010, p. 17). Através desse acesso, Schwantes dedicou parte de sua vida à formação de biblistas orgânicos – homens e mulheres – dotados/as com a capacidade de conduzir as pessoas em situação de pobreza aos umbrais da reflexão crítica (SCHWANTES, 1989b, p. 10-11).

Schwantes nunca deixou de demonstrar suas expectativas pela criação de espaços simultaneamente acadêmicos, eclesiais e populares no intuito de conduzir as pessoas desfavorecidas economicamente aos umbrais do pensamento crítico, bem como sempre enfatizou a necessidade de atualização das próprias convicções metodológicas que ele defendia: “acolher [...] nos caminhos já andados [...] novas percepções à luz de novas hermenêuticas em uso e prática nas academias” (SCHWANTES, 2005, p. 8). A Ciência Prática da Religião pode ser o espaço para essas atualizações, subsidiando, através de um arcabouço teórico-metodológico ilimitado, inter e transdisciplinar, os/as biblistas orgânicos em seu compromisso pedagógico de ensinar pessoas em situações de pobreza a governarem suas escolhas políticas, por exemplo, na aquiescência daqueles e daquelas que pretendem governar o Estado brasileiro.

Além disso, a Ciência Prática da Religião pode contribuir para que os/as biblistas orgânicos alcancem umas das principais ambições de Schwantes, a saber: atuar como agentes privilegiados no processo de desconstrução de tramas ideológicas que localizam a pessoa em situação de pobreza como um ser a-histórico (SCHWANTES, 1989b, p. 10-11). Schwantes sempre argumentou que uma leitura bíblica engajada poderia aguçar o senso crítico e político dessas pessoas, fazendo com que elas apresentassem “seu clamor de modo organizado [...] não mais como pedintes, mas como quem reivindica participar [...] batendo à porta da história como sujeitos” (SCHWANTES, 1991, p. 129).

O perfil ecumênico<sup>7</sup> intuído na hermenêutica bíblica em Schwantes, além de dialogar com o espectro da Ciência Prática da Religião, convoca os/as biblistas orgânicos a ultrapassarem as fronteiras do cristianismo ocidental, acolhendo aqueles e aquelas a quem Schwantes considerava como parceiros/as de caminhada dos/as cristãos/ãs, a saber: as pessoas negras, os povos indígenas, judeus, mulçumanos, entre outros. O compromisso dos/as biblistas orgânicos, nesse sentido, seria compreender o clamor das pessoas empobrecidas como uma tarefa ecumênica, para além das divisas cristãs, entendendo as “diferenças como possíveis complementações, não como motivos de separatismos” (SCHWANTES, 1989b, p. 11). Na prática, os/as biblistas orgânicos deveriam reorientar a agenda das igrejas, de modo que elas debatessem menos sobre as diferenças e distâncias litúrgicas, concentrando-se, cada vez mais, na intensificação de sua presença nas periferias e fundamentando suas liturgias à luz do cenário socioeconômico (SCHWANTES, 2006, p. 56).

Schwantes foi um intelectual orgânico que se aliou ao movimento bíblico latino-americano no intuito de extrapolar os limites teórico-metodológicos do norte global e as fronteiras institucionais do cristianismo ocidental, dirigindo seu olhar para o mundo e para as experiências das pessoas economicamente desfavorecidas. Com efeito, sua proposta de formação de biblistas orgânicos considerava a relação dialética entre a realidade dessas pessoas e o texto bíblico, em um programa de leitura marxista, o que implica em mediações hermenêuticas em que os/as biblistas orgânicos deveriam consultar as narrativas bíblicas carregados/as de perguntas impostas pela vida concreta, sempre com uma preocupação de alterar realidades opressoras. A Ciência Prática da Religião, com todo o seu arcabouço teórico-metodológico, pode impulsionar o método hermenêutico em questão e torná-lo mais prático e mais crítico-reflexivo, ajudando, ainda, na superação das fronteiras das religiões institucionalizadas (BRIGHENTI, 2013, p. 670).

O horizonte hermenêutico de Schwantes, predominantemente caracterizado por uma leitura sociológica dos textos bíblicos, pode ampliar suas contribuições a partir da Ciência Prática da Religião, em nível teórico e prático. A Ciência Prática da Religião disponibiliza uma plataforma em que a formação de biblistas orgânicos contaria com uma reflexão crítica numa interação contínua com as ciências em geral, ampliando, assim, as possibilidades de aplicação desse método e potencializando a criação de conhecimentos científico-religiosos voltados para a resolução de problemas culturais e sociais a partir dele (TWO-RUSCHKA, 2013, p. 579).

Parece condizente, portanto, localizar a hermenêutica bíblica em tela além dos espaços da ação pastoral ecumênica, dos círculos bíblicos realizados nas CEBs, do

---

7 Schwantes não faz distinção entre os termos ecumenismo e diálogo inter-religioso. Para ele, “o diálogo entre as igrejas sempre é uma forma do diálogo inter-religioso, não cria outra categoria. Prefiro designar também todo diálogo inter-religioso de ecumênico” (SCHWANTES, 2006, p. 56). Além disso, ele acreditava que os problemas sociais não deveriam separar as diferentes tradições religiosas e nem se restringir aos espaços reconhecidamente cristãos.

CEBI e das organizações congêneres. A Ciência Prática da Religião possibilita a formação de biblistas orgânicos regulamentados a partir de um horizonte hermenêutico-teológico para além dos contornos tradicionais, que desejam denunciar e solucionar problemas sociais na atualidade. Embora Schwantes seja filho de seu tempo e integrante de uma geração de biblistas com influências peculiares, sua literatura demonstra um crescente interesse pelo resgate da tradição bíblica como recurso para a construção de uma hermenêutica engajada na transformação social, um legado a ser seguido pelos/as biblistas orgânicos. Schwantes sempre acreditou que era “preciso traduzir a Bíblia para os nossos dias” (SCHWANTES, 1984b, p. 33).

## CONCLUSÃO

A formação de biblistas orgânicos intuída na literatura de Milton Schwantes pode ser entendida como um projeto de esperança para a organização das classes subalternas e para instaurar um processo de luta pela libertação das condições de exploração econômica e política. Na linguagem gramsciana, esse projeto exigiria a construção de um novo bloco histórico, orientado pelos interesses e pelas necessidades dos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais, que, no Brasil, encontravam-se fragmentados econômica e ideologicamente entre camponeses/as, trabalhadores/as urbanos/as, lutas femininas, associações de moradores/as, sindicatos urbanos, povos indígenas e afrodescendentes, um problema amplamente criticado por Schwantes. É com eles/as e para eles/as que se dirige a importantíssima obra desse biblista.

Entre as dificuldades que se podem elencar no período analisado, os impactos provocados pelo rápido processo de industrialização e urbanização no Brasil teriam afetado amplamente a população de baixa renda, em especial os setores agrários e urbanos brasileiros. Esse cenário foi identificado por Schwantes como o capitalismo sustentado pelas classes dominantes e pelo Estado, impedindo a organização dessas pessoas em sindicatos e partidos. Em outras palavras, as classes subalternas estariam sendo impedidas pelas forças políticas e repressivas da ditadura militar e, simultaneamente, estavam convencidas a aceitarem uma condição subalterna por causa da visão de mundo partilhada pelas classes dominantes e pelos seus intelectuais orgânicos.

Com efeito, o cenário brasileiro teria impulsionado Schwantes a imaginar a formação de biblistas orgânicos profundamente ligados/as aos setores agrários e urbanos dos movimentos sociais, de então. Isso teria contribuído, também, para que Schwantes formulasse um novo modelo para as universidades e para as igrejas, que visa superar, em certo sentido, os modelos tradicionais, solidarizando-se com os setores agrários e citadinos da sociedade brasileira em sua luta revolucionária contra o capitalismo, pela libertação e conquista da terra.

Através da Leitura Popular da Bíblia, Schwantes acreditava que os/as biblistas orgânicos poderiam educar camponeses/as, trabalhadores/as rurais, trabalhadores

urbanos e as pessoas ligadas aos movimentos sociais brasileiros, forjando uma nova visão de mundo e disseminando-a na sociedade, no intuito de impulsionar as lutas populares que culminariam numa revolução do modo de vida social. Portanto, a formação de biblistas orgânicos, em Schwantes, tinha como ponto de partida a integração orgânica com o povo, redirecionando o olhar para o contexto socioeconômico e para as relações entre as pessoas, de modo que a interpretação do texto bíblico fosse fundamentada em situações concretas.

Por fim, a formação de biblistas orgânicos resulta em múltiplas contribuições para a Ciência Prática da Religião. É importante considerar que Schwantes apresentou suas propostas bíblico-teológico-pastorais atuando como professor de Ciência da Religião, contribuindo para a formação de biblistas brasileiros/as a partir desse campo de estudo. Mas, além disso, o caráter ilimitado, inter e transdisciplinar dessa modalidade busca desenvolver normas, modelos e tarefas organizacionais para uma ação transformadora. Logo, o recrudescimento da hermenêutica bíblica em Milton Schwantes se mostra como um conhecimento científico aplicável, que pode ser atualizado e aprimorado pelas novas abordagens da Ciência Prática da Religião para solucionar problemas culturais e sociais da atualidade.

#### *THE FORMATION OF “ORGANIC BIBLICAL SCHOLARS” FROM THE PRATICAL APPLIED RELIGIOUS STUDIES: A TRIBUTE TO MILTON SCHWANTES*

*Abstract: this article aims to pay tribute to Milton Schwantes on the 10th anniversary of his death, recovering and interpreting in his literary corpus the formation of a school of thought, consisting especially of organic biblical scholars, linked to social and popular movements, in a certain period of the military dictatorship in Brazil. The Gramscian theory of organic intellectuals contributes to the approximations between Schwantes' hermeneutic horizon with the unlimited, inter and transdisciplinary character of Applied Religious Studies, pointing towards clues for a transformative action from the formation of organic biblical scholars. The resurgence of biblical hermeneutics in Schwantes presents itself as an applicable scientific knowledge with possibilities of updating by the new approaches of Applied Religious Studies to solve contemporary cultural and social problems.*

*Keywords: Milton Schwantes. Applied Religious Studies. Organic Bible Scholars. Transformative Action.*

#### REFERÊNCIAS

BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: a teologia do político e suas mediações*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRIGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 663-673.

- BUSCEMI, Maria S. A facilitação no processo de leitura popular da Bíblia. In: BUSCEMI, Maria S.; ANDRADE, Thiago V. P.; CARVALHO, João J. O.; VIANA, Múria C. (orgs.). *Leitura Popular da Bíblia: caminhos e orientações*. São Leopoldo: CEBI, 2016. p. 8-23.
- COUTINHO, Carlos N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CRUZ, Wallace S. *O lugar do pobre para uma práxis profético-ecumênica: a hermenêutica bíblica em Milton Schwantes*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Faculdade Unida de Vitória, Vitória.
- CRUZ, Wallace S. A interpretação do texto bíblico de Milton Schwantes: por uma mediação da Ciência Prática da Religião. *Reflexus*, Vitória, a. XIV, n. 24, p. 735-753, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política, livro primeiro – o processo de produção do capital*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- PEREIRA, Nancy C. *Milton Schwantes: escritos de história e paixão*. São Leopoldo: CEBI, 2012.
- ROCHA, Abdruschin S.; RIBEIRO, Osvaldo L. Ciência (s) da Religião Aplicada (s): uma contribuição do mestrado profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. *Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 193-212, 2019.
- SANT'ANNA, Elcio. *Literatura e religião bíblica: um acesso a partir das Ciências da Religião*. São Paulo: Reflexão, 2010.
- SCHWANTES, Milton. A teologia e o direito dos pobres. In: IHU Online. Entrevista com Milton Schwantes. 2006. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao188.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022. p. 52-57.
- SCHWANTES, Milton. Editorial. *Ribla*, Petrópolis, n. 50, p. 7-8, 2005.
- SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexões e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SCHWANTES, Milton. Aprendendo a ler a escritura. *Simpósio*, São Paulo, n. 41, p. 5-19, 1998.



- SCHWANTES, Milton. “Cantai um canto novo!” – liturgias se aproximam. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 35, p. 49-53, 1992.
- SCHWANTES, Milton. A caminho de terra e liberdade: Gênesis 12 – um roteiro. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 129-144, 1991.
- SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. Petrópolis: Vozes, 1989a.
- SCHWANTES, Milton. Caminhos da teologia bíblica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989b.
- SCHWANTES, Milton. O êxodo como evento exemplar. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988a.
- SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988b.
- SCHWANTES, Milton. Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987.
- SCHWANTES, Milton. *A família de Sara e Abraão: texto e contexto de Gênesis 12-25*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- SCHWANTES, Milton. Profecia e Organização: anotações à luz de um texto (Am 2,6-16). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985.
- SCHWANTES, Milton. Da boca dos pequeninos: enfoques antropológicos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 24, n. 2, p. 148-160, 1984a.
- SCHWANTES, Milton. Bíblia e Lutero. *Caminhando*, Goiânia, a. 2, v. 2, p. 32-34, 1984b.
- SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 2, p. 105-145, 1982a.
- SCHWANTES, Milton. A cidade da justiça: estudo exegetico de Is. 1.21-28. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 22, n. 1, p. 5-48, 1982b.
- SILVA, José S. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. *Plurais*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 84-105, 2011.
- SKIDMORE, Thomas E. *The politics of military rule in Brazil, 1964-85*. New York: Oxford University Press, 1988.
- TERRA, Kenner R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012.
- TWORUSCHKA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 577-587.